

in Terceira Margem - fe-  
vista do Centro de Estudos  
Brasileiros Adolfo Casais  
Monteiro, nº 3, Porto,  
FLUP, 2002

contexto de um mundo em  
vias de dissolução, ilumina a  
poesia lucchesiana, permitin-  
do-lhe suprir o vazio das pala-  
vras e devolver-lhes a substân-  
cia perdida.

Uma outra tradição importante  
na poética de Lucchesi é a dos  
autores místicos, que nos sur-  
gem nestes *Poemas Reunidos* fun-  
damentalmente através das  
belíssimas traduções feitas pelo  
poeta (em "Visitações"), e de  
entre as quais destaco as de  
Rûmî e de Juan de la Cruz. O  
que ressalta na *poesia* dos mís-  
ticos é a relação do sujeito mor-  
tal com o tempo e a busca da  
abertura de um espaço de comu-  
nicação com o Outro — "o  
Amado" — ou com os outros:  
"Sentados no palácio duas  
figuras, / são dois seres, uma

alma, tu e eu. // Um canto radio-  
so move os pássaros/ quando  
entramos no jardim, tu e eu! //  
(...) Estranha maravilha estarmos  
juntos: / estou no Iraque e estás  
no Khorasan."; "O que fazer,  
senão me reconheço? / Não sou  
cristão, judeu ou muçulmano. //  
Se já não sou do Ocidente ou do  
Oriente, / não sou das minas,  
da terra ou do céu. // (...) Se pu-  
desse passar um só instante /  
contigo, eu dançaria nos dois  
mundos." ("Djalal Ad-Din Rûmî",  
p. 177; p. 180). E é justamente  
esta abertura humanista à  
alteridade que torna possível a  
Lucchesi fazer coexistir poetas  
e mundos tão diversos como  
Quevedo, Hölderlin, Khliéb-  
nikov, Trakl, Jerusalém, Bizân-  
cio, Roma...

De certo modo também em

consonância com este designio  
de comunicabilidade plena, é  
de assinalar a inclusão na parte  
final desta antologia poética  
de uma série de excelentes en-  
saio críticos (alguns deles  
inéditos) sobre Lucchesi, bem  
como de uma útil bibliografia  
primária e secundária. E talvez  
não seja de todo uma heresia  
convidar o leitor não-iniciado  
a passar primeiro os olhos por  
alguns desses ensaios — que  
não deixam, alguns deles pelo  
menos, de participar também  
do poético (em especial os de  
Constança Hertz e de Nise da  
Silveira) —, pois eles redob-  
rarão certamente o prazer do  
texto lucchesiano.

Daniela Kato

## SIMONE LOPES PONTES TAVARES

*A Paixão Premeditada — Antologia da Geração 60 na Bahia*

Rio de Janeiro, Imago; Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2000

Historicamente, a Baía ocupa  
uma posição importante no  
panorama da literatura  
brasileira. Basta notar que  
poetas como Manuel Botelho  
de Oliveira e Gregório de  
Matos, do século XVII, ou  
Castro Alves, do século XIX,  
eram baianos. O desvio do  
pólo económico e cultural  
para o centro-sul seria contudo  
acompanhado de um progres-  
sivo apagamento da presença  
da Baía na literatura brasileira.  
Apesar disso, e para falar  
apenas de autores contempo-  
râneos, ficcionistas como  
Jorge Amado e João Ubaldo  
Ribeiro, ou dramaturgos como  
Dias Gomes, demonstram a  
importância do contributo  
baiano para a literatura  
nacional. No domínio da  
poesia, a visibilidade dos  
autores contemporâneos é  
contudo bem menor, o que —  
pelos menos em parte — não  
deixa de ter a ver com a  
dificuldade de as regiões per-  
iféricas terem acesso aos meios  
difusores da cultura brasileira,  
concentrados no eixo Rio-São  
Paulo.

Um primeiro aspecto impor-  
tante deste trabalho de Simone  
Tavares sobre a *Poesia da ge-  
ração 60 na Bahia* é pre-

cisamente esse: o de permitir  
o acesso mais generalizado a  
um conjunto de poetas ainda  
não devidamente avaliados  
enquanto geração. É certo que  
várias antologias anteriores  
dedicadas à moderna poesia  
baiana incluíram alguns dos  
representantes da geração de  
60. Foi o caso da  
*Moderna Poesia Babiana*, de  
Leodegário de Azevedo Filho  
e Eduardo Portella, editada  
em 1967, e de *A Poesia  
Babiana no Século XX*, de  
Assis Brasil, publicada em  
1999. A par destas, pode  
também mencionar-se a  
coleção de *Poemas Soltos*  
coordenada por Ildásio  
Tavares e saída entre 1999 e  
2000, que dedicou vários  
números a poetas contempo-  
râneos da Baía. Com a mesma  
orientação cronológica de  
Simone Tavares mas numa  
perspectiva nacional, temos  
ainda a antologia de Pedro  
Lyra: *Simcretismo. A Poesia  
da Geração 60*, de 1995.  
Apesar disso, a obra de  
Simone Tavares é a primeira  
que procura traçar um retrato  
de conjunto da poesia baiana  
da geração de 60.

O livro começa com uma  
introdução, em que a autora

explica os critérios por que  
pautou a sua selecção e  
apresenta uma visão geral da  
geração de 60 no Ocidente,  
no Brasil e na Baía. Num  
segundo momento, Simone  
Tavares estuda os traços  
definidores da poética da  
geração em causa, identifi-  
cando quatro vertentes prin-  
cipais: lírica, social, épica e  
metapoética. Por fim, procede  
a uma breve caracterização da  
obra dos 16 poetas antologia-  
dos, entre os quais se contam  
nomes já razoavelmente con-  
sagrados no panorama nacio-  
nal brasileiro, como Ildásio  
Tavares, Myriam Fraga, Hele-  
na Parente Cunha, José Carlos  
Capinam, António Brasileiro,  
ou Ruy Espinheira Filho.

Cada capítulo da antologia  
abre com uma nota biográfica,  
seguindo-se uma cuidada  
listagem da bibliografia activa  
e passiva. O número de poe-  
mas seleccionados e o rigor  
do critério da antologiadora  
permitem formar uma ideia  
nítida da obra de cada autor. A  
inclusão de textos inéditos de  
alguns dos poetas valoriza  
ainda mais o conjunto da obra.  
Graças ao criterioso trabalho  
de Simone Tavares, a histo-  
riografia e a crítica brasileiras

dispõem agora de um manual que lhes deverá permitir reavaliar a poesia baiana da geração de 60 e a obra dos seus principais representantes. E o leitor menos especializado poderá (re)descobrir poemas como *Gonzaga*, dos *Sonetos da Inconfidência* de Ildásio Tavares:

«Meu coração é um louco  
inconfidente / pelas minas  
gerais dos seus amores. / Ele  
alvarenga. Ele claudica em  
dores. / Mas dorotéia sempre,  
impertinente. // Pois sempre  
há de chorar o bem ausente /  
em derrama brutal de dissabo-  
res, / personagem que busca  
seus autores / e não sabe por

quê. É indiferente // que em  
Moçambique alguém me  
enrique. Leva- / se tempo em  
ruminar uma aspereza. / Mas  
quem jamais sonhou, jamais  
viveu — // Brasil é um piri-  
lampo azul na treva. Marília é  
um purgatório de beleza. / E  
ninguém sabe onde estará  
Dirceu.»

Francisco Topa

## PATRÍCIA MELO

### *Inferno*

Porto, Campo das Letras, 2001

Este livro, premiado em 2001 no Brasil, inicia-se com umas palavras de Virgílio a dizer que “a descida é fácil, as portas do inferno estão abertas dia e noite”. A citação prefacia a história da subida e queda de José Luís Reis, vulgo Reizinho, um jovem traficante de drogas numa favela inventada do Rio de Janeiro. A sua subida profissional coincide com uma descida moral e ética; a mudança desde o baixo para o cimo do morro com a subida do poder à cabeça; e o desaire da fortuna marca a sua nova consciência da realidade.

O verdadeiro protagonista do romance é a favela de Berimbau (os seus habitantes, o quotidiano, as ruas labirínticas, as aspirações frustradas) onde a droga mais forte e mais viciante é o próprio poder. Há um aspecto quase feudal nas guerras para ganhar o controle do negócio lucrativo do tráfico de drogas em que o alvo é chegar a ser o rei (por isso “Reizinho”) do morro. Além disso, a história tem uma dimensão de tragédia clássica em termos das relações familiares e das guerras entre famílias e antigos amigos e amantes.

A autora Patrícia Melo é bem conhecida pelos seus romances anteriores — *Acqua Toffana* (1994), *O Matador* (1995) e *Elogio da Mentira* (1998) — que abordam a violência da sociedade brasileira, ao mesmo tempo que observam outras tendências sociais contemporâneas: a paixão pelos livros esotéricos, os cultos evangélicos, a maquiagem e a cirurgia plástica, a obsessão pelas telenovelas e a cultura de massas e os sempre

presentes carnaval, praia e futebol... A romancista (também dramaturga e guionista) faz ainda alusões ao mundo da literatura, ou canibalizando romances clássicos, como faz o protagonista do *Elogio da Mentira*, ou devorando livros, como o Leitor, conselheiro do Reizinho em *Inferno*. Talvez os aspectos da vida brasileira que ela trata entrem na área do clichê, ou da telenovela do que ela parodia, mas não esconde os perigos, as traições e os problemas de habitar as favelas. O olhar, muitas vezes satírico, do narrador não é tão objectivo como o do publicitário americano que quer filmar um anúncio na favela e escolhe o cenário exclamando “isso é absolutamente pós-moderno [...] adoro favela. Isso é Rio. É Brasil [...] Quero a própria realidade vibrante!” (p. 251). As descrições da vida na favela carioca feitas por alguém de fora (uma intelectual paulista) podem ser consideradas como distorções literárias com o fim de apresentar um retrato folclórico ou sentimental da realidade. Esta é uma posição que contrasta com a onda recente de romances escritos por marginalizados e publicados no Brasil, como a «escrita da periferia» de Paulo Lins (*Cidade de Deus*), e Ferréz (*Capão Pecado*), ainda não chegados a Portugal.\*

Em vez de ser autobiográfico, como a escrita de periferia, o romance é mais bem gráfico, os diálogos sem pontuação (estilo Saramago) repletos da gíria de traficantes, de referências a música funk e à cultura

negra americana, de letras de canções, e de palavrões, além de sons variados que pontuam a narrativa: “Zzzzzzzzz” (aspirador de pó), “pi pi pi” (tambor), “pa-ra-pa-pa” (tiros), “vrum” (carro), “nhé-nhé-nhé” (conversa chata), “ploc” (bolha de pastilha elástica a estourar na boca). Nas descrições, o narrador enumera os elementos da paisagem, ideias ou impressões, empilhando as palavras umas por cima das outras numa “collage” a transbordar de vida — como a favela. Este efeito dá uma sensação de velocidade e de mudança rápida, sobretudo porque a narrativa segue as histórias de vários personagens que se vão cruzando. Apesar de a autora declarar que os seus livros não são estritamente policiais, por não terem investigação policial, as obras de Patrícia Melo estão cheias de assassinatos, venenos, armas, segredos, mentiras e mistérios. Mesmo em *Inferno*, o leitor quer saber onde fica o pai do Reizinho? Onde está a Marta? Quem engravidou a Carolaine? Quem matou o padre Wilmer? As respostas a estas perguntas surgem no decurso da história, mas não há solução para o mistério mais complicado e de solução mais urgente: como escapar do círculo vicioso do mundo das drogas, da pobreza e da violência urbana? Neste romance cíclico, as tentativas para progredir, para melhorar, para ir-se embora são frustradas pelas forças viciantes do inferno que é a favela.

Claire Williams

\* Vd. o artigo de Haroldo Ceravolo Sereza: “Ferréz lança movimento literário reunindo escritores da periferia”, *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, 26/8/01.